



Everardo Norõesⁱ

urubus

Três urubus conversam
sobre a água-furtada.
Comentam o descaso das casas,
o vazio dos quintais.
Divagam sobre a ausência
da podridão,
o cheiro que rege
o percurso dos abutres.
Lá estão eles,
sobre telhas,
a afiarem as garras,
a deglutirem vísceras.
Ao erguer de asas
declinam
verbos, adjetivos.
Tentam decifrar,
do alto,
de que forma
morre o Recife.

naufrágios

2

acordo
 e é como se de noite
 as palavras virassem folhas
 da árvore no quintal
 sem credo rotinas deságios
 e uma máquina denunciasse a chuva
 com seu almoxarifado de surpresas
 é assim do outro lado
 desse muro
 onde cães urinam segredos
 e nos cercam com suas
 garras metálicas
 para se fincarem na carne
 e nos extirparem
 a pedra do discernimento

e. d.

um gesto de folhas
 diz:
 o grão de pólen penetra
 no negror da frase.
 fértil
 é o silêncio do sopro:
 mesmo
 quando tudo é pedra
 côncavo é
 o ovo
 do
 poema.

flamboyant

arrebento
o coração do verde
nesta tarde
é quando o sol flora,
jaboticabas no pé
madura cor do olho
divina
é uma cor indefinida
hálito que não se descreve
sou apenas
o encarnado

arrebento
o coração do verde
e sangro
ao ritmo regular
e persistente
da chuva
então
discurso ao que passa
sobre esta mancha
que encarde
a avareza dos dias

sou
apenas a ferida
no alto de uma tarde
uma coroa de espinhos
no silêncio

Retábulo de Jerônimo Bosch
(Editora 7Letras, Rio de Janeiro, 2008)

Domingo de Ramos

Vejo teu corpo
 e penso num Domingo de Ramos:
 um aceno de palmeiras,
 um halo de estrelas:
 frestas de luz em que se somem,
 um cristal de lembranças,
 um jumentinho,
 a cruz das tuas ancas.
 Penso num Domingo de Ramos
 como aquele, sempre festa:
 do vinho, da água, da poeira,
 do rebrilhar de peixes sobre pedras.

Vejo teu corpo
 e soam litânias:
 há espadas de folhas e um abrigo
 sob o branco marfim do teu vestido.
 Penso num Domingo de Ramos,
 no teu horto, no vermelho da boca,
 na Paixão,
 no mistério que desce das colinas,
 olivas espalhadas pelo chão.
 Cálice a despejar em minha língua
 um fel de histórias esquecidas:
 a hóstia consagrada do perdão.

Vejo teu corpo e penso
 num Domingo de Ramos.
 Como aquele,
 em que me acenas
 o sangue de um cordeiro degolado,
 brilhando sobre a luz das
 açucenas.

A Rua do Padre Inglês.
 (Editora 7Letras, Rio de Janeiro, 2006)

euclides

o fascínio do cacto.
 a ponta do espinho.
 a fulguração do tiro.
 vegetalizar o homem:
 tudo tornar folha,
 corroída
 pelas minúsculas formigas
 das letras.

Retábulo de Jerônimo Bosch
 (Editora 7Letras, Rio de Janeiro, 2008)

esqueleto da rua do Bom Jesus

digo bom-dia
 ao esqueleto
 da rua do Bom Jesus
 como se ele estivesse
 comigo
 nessa mesa de bar
 olhando o cais
 transformar-se
 junto às raízes de seus ossos
 um aceno do futuro
 mergulhado nas pedras
 entristecidas
 dessa tarde do Recife

ⁱ **Everardo Norões** nasceu no Crato, Ceará. Viveu na França, Argélia e Moçambique. Publicou *Poemas argelinos* (Ed. Pirata, 1981), *Poemas* (Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000) – prêmio literário Cidade do Recife 1998; *(Nas entrelinhas do mundo*, em co-autoria (Ensol, 2002); *Le tigre del Bengala* - tradução de Emilio Coco (Edizione Nuove Muse, S. Marco in Lamis, Itália, 2005); *A rua do Padre Inglês* (Ed. 7Letras, Rio de Janeiro 2006); *Miguel Torga e o dicionário da terra*. (Fundação de Cultura Cidade do Recife. Recife, 2007; *Retábulo de Jerônimo Bosch* (Ed. 7Letras, Rio de Janeiro. 2008); *Poeiras na réstia* (Ed. 7Letras, Rio de Janeiro. 2010); *W.B. & os dez caminhos da cruz* (Ed. Paés, Recife, 2012); *Poemas y cuentos* (Paralelo Sur Ediciones, Barcelona, 2012); *O fabricante de histórias* (Prêmio Concultura, Manaus, 2012); *Entre moscas* (Confraria do Vento, Rio de Janeiro. 2013. Prêmio Portugal Telecom 2014 categoria conto). Escreve ensaios, artigos e crônicas para diversos jornais e revistas e tem poemas traduzidos para o espanhol, inglês, francês, italiano, catalão e quéchua. Traduziu e organizou a *Obra completa* de Joaquim Cardozo (Nova Aguilar, 2010), antologias da poesia peruana, do poeta mexicano Carlos Pellicer, do poeta italiano Emilio Coco e de poetas franceses contemporâneos. Participa de várias antologias, entre elas, a mais recente, *Antología de poetas brasileños actuales*, da editora espanhola Paralelosur, Espanha (2011).